

V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura

27 a 29 de maio de 2009

Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil.

Mr. Nice Gay – Análise do personagem Adamastor na novela Pedra sobre pedra

Marcelo Lima¹

Resumo

O presente texto analisará a representação dos personagens homossexuais Adamastor e Paulo Henrique na novela *Pedra sobre pedra*. A análise faz parte de uma pesquisa conjunta que está sendo realizada pelos integrantes do grupo Cultura e Sexualidade (CUS) do CULT (Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), que pretendem estudar, à luz da teoria queer, a representação de todos os personagens homossexuais das telenovelas da Rede Globo. O artigo defende que, mesmo avançando em determinadas questões, as personagens ainda estão inseridas em um modelo heteronormativo de comportamento.

Palavras-Chave: teoria queer – telenovela – homossexualidade – heteronormatividade – gênero

Introdução

Em 1992, a novela *Pedra sobre Pedra* apresentou dois personagens assumidamente homossexuais: Adamastor e Paulo Henrique. Esse último apareceu no fim da novela, enquanto o primeiro foi construído desde a segunda fase da trama². Por essa razão, a prioridade deste artigo será discutir a personagem Adamastor, uma vez que suas cenas são mais substantivas para entender as estratégias narrativas que o cercam.

É importante salientar que os esforços que culminaram nesse artigo não foram feitos apenas pelo seu autor, mas são fruto de discussões e do trabalho do grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS), do CULT (Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura), sediado na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em parceria com o

¹ Marcelo Lima é estudante de graduação do curso de jornalismo, membro do grupo CuS – CULT e bolsista PET/ Facom. marcelocaterpillar@gmail.com

² Que compreende a quase totalidade dos episódios exibidos

Núcleo de Estudos em Sociedade, Poder e Cultura (Nespoc), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). A pesquisa conjunta está traçando um panorama analítico das representações de personagens homossexuais nas tramas de telenovelas da Rede Globo³. A metodologia foi desenvolvida pelo professor e coordenador do grupo, Leandro Colling, sobre os estudos de Peret (2001) e Moreno (2005). Neste artigo, o referencial teórico para análise dos elementos audiovisuais vem dos estudos de Canguçu (2008).

Este texto é escrito com base em estudos da teoria queer. O termo queer pode significar estranho, exótico, mas é principalmente utilizado para depreciar indivíduos que possuem uma sexualidade diferente da heterossexual. “Esse termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação” (LOURO, 2004, p. 38). Essa inspiração, para os teóricos queer, os guia na luta contra qualquer tipo de normatividade – menos, talvez, contra o ideal normativo de incompletude essencial das categorias a que Butler (2003, p. 36) nos chama atenção.

As normas representam conjuntos de ideais repetidos através de práticas performativas que constituem indivíduos que podem ser tidos como sujeitos ou não – àqueles que são privados do lugar de sujeito tornam-se *abjetos* da norma. O queer não quer se *sujeitar* às normas, pelo contrário, elas são suas maiores inimigas. Para o queer, é mais interessante se manter à deriva das identidades, viver a marginalidade na própria experiência existencial.

Sobre as identidades, concordamos com Hall (2006) de que elas se encontram “descentradas”, “fragmentadas”. Ao contrário da concepção unitária do sujeito moderno, filiamo-nos a maneira pós-moderna de conceber o sujeito “como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006, p.12). Essa perspectiva nos permite correlacionar com maior facilidade os diversos campos identitários de raça, gênero e classe social na análise. Pois, a identidade está sempre numa “‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelos quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 2006, p.12).

As representações, dentro do contexto da teoria queer, ganham bastante relevância, pois ao contrário das representações modernas que procuravam exteriorizar verdades mentais, são agora vistas como possíveis apenas politicamente. Como

³ A pesquisa é financiada pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb).

comprova Butler (2003, p. 18), a *representação* opera tanto na extensão e legitimação de um sujeito político quanto é um termo lingüístico normativo. Para o sujeito pós-moderno, o questionamento da dicotomia “público/privado” (ver HALL, 2006) acaba por demonstrar que existem relações de poder permeando todas as relações e representações. Diante disso, Paul Rabinow conclui: “como Foucault, consideramos o poder como produtor e impregnador de relações sociais e da verdade no nosso atual regime de poder” (RABINOW, 2002, p.80). A verdade seria tomada, por ele numa perspectiva foucaultiana, como aquilo que é representado dentro de um regime verdade, o que permite ele concluir que “reivindicações à verdade estão conectadas a práticas sociais e se tornaram, portanto, forças efetivas no mundo social” (RABINOW, 2002, p.80). E, portanto, citando o título de um dos seus ensaios, podemos dizer que “representações são fatos sociais” (RABINOW, 2002).

Os regimes de verdade que envolvem as identidades estão ligados aos discursos construídos em torno deles. Por isso, Butler (2003, p.18) afirma que *representação* é também um termo lingüístico normativo, que opera performativamente, nomeando sujeitos. Aí surge um conflito: se a teoria queer luta contra todo tipo de normatividade, como aceitar que a representação nomeie e, assim, de alguma forma normatize? Quem responde a essa pergunta é Denilson Lopes, quando diz que “nomear é sempre um perigo, mas se não nomeamos, outros o farão. Dar um nome não significa simplesmente classificar, mas explorar, problematizar” (LOPES, 2002, p.27). E é através da própria linguagem, segundo Louro (2004, p.42), mediante a desconstrução discursiva desenvolvida por Derrida, que os teóricos queer agem.

Os queer combatem a matriz heteronormativa de produção do gênero e dos sexos. Isso porque essa matriz nomeia dois sexos distintos, masculino e feminino, como se fossem naturais e, a partir daí, cria categorias que sempre delimitam sujeitos inteligíveis, excluindo outros. Em verdade, apenas através da exclusão se pode determinar sujeitos reconhecíveis, pois se criam pólos de oposição. “Para os teóricos/as queer, a oposição heterossexualidade/homossexualidade – onipresente na cultura ocidental moderna – poderia ser efetivamente criticada e abalada por meio de procedimentos desconstrutivos” (LOURO, 2004, p.43). Pois esses procedimentos demonstram que os dois pólos não são completamente diferentes ou distantes, mas sedimentam e carregam resíduos do pólo “oposto”. Portanto, cremos que a matriz pode ser desconstruída.

Para Garcia:

As manifestações culturais contemporâneas de identidade e gênero convergem para abordagens, cada vez mais, transversais. Nos projetos de cinema, televisão e vídeo não é diferente! Temáticas insólitas sobre identidade e gênero – feminino, masculino e adjacências – são propriedades (re)inscritas pela nova ordem dos discursos que aparecem nos produtos audiovisuais no Brasil e no mundo. (2004, p.265)

Por essa razão, faz-se necessário analisar as telenovelas da Rede Globo, nas quais as marcas da matriz heteronormativa certamente são identificáveis, e problematizá-las como uma atividade, acima de tudo, política. As telenovelas foram escolhidas por serem produtos midiáticos populares no Brasil e em outros países. Esperamos que dessas polêmicas novas maneiras de expressar a sexualidade possam escapar à vigilância da norma e transformar as representações vigentes.

Antes de passarmos a análise, vale lembrar as palavras da professora Guacira Lopes Louro, sobre os sujeitos pós-modernos que transgridem experiências normativas:

Suas aventuras podem, no entanto, parecer especialmente arriscadas e assustadoras quando se inscrevem no terreno dos gêneros e da sexualidade – afinal essas dimensões são tidas como ‘essenciais’, ‘seguras’ e ‘universais’ – que, supostamente, não podem/não devem ser afetadas e alteradas. Por isso o efeito e o impacto das experiências desses sujeitos tão fortemente políticos – o que eles ousam ensaiar repercute não apenas em suas próprias vidas, mas nas vidas de seus contemporâneos (2004, p. 23)

Análise

Os itens marcados em negrito pertencem à metodologia desenvolvida por Colling (2007) sobre os estudos de Peret (2001) e Moreno (2005).

Dados gerais do produto

Título: *Pedra sobre pedra*

Diretor: Paulo Ubiratan, Gonzaga Blota e Luiz Fernando Carvalho

Autor: Aguinaldo Silva, Ana Maria Moretzsohn e Ricardo Linhares

Elenco principal: Lima Duarte (Murilo Pontes), Renata Sorrah (Pilar Batista), Armando Bógus (Cândido Alegria), Eva Wilma (Hilda), Maurício Mattar (Leonardo) Adriana Esteves (Marina)

Elenco mais diretamente ligado com a temática homossexual: Pedro Paulo Rangel (Adamastor), Paulo Betti (Carlão Batista) e Reinaldo Gonzaga (Paulo Henrique).

Tempo de exibição: 6 de janeiro de 1992 a 31 de julho do mesmo ano. Ao total, foram 178 capítulos, exibidos sempre às 20h.

Resumo do enredo:

A pequena cidade de Resplendor, na Chapada Diamantina, sertão baiano, era o palco das disputas políticas entre os Pontes e os Batista, as duas maiores famílias da região. Murilo Pontes ia se casar com a jovem Pilar Farias, por quem o herdeiro dos Batista, Jerônimo, também era apaixonado. No dia do casamento de Murilo e Pilar, a noiva diz 'não' em pleno altar, por desconfiar que o rapaz era o pai da criança que Eliane, sua melhor amiga, estava esperando. Desejando vingança, Pilar se casa com Jerônimo, inimigo de Murilo, enquanto este se casa com Hilda, uma jovem que sempre o amara. Dessa união nasce Leonardo, e Murilo vai seguir carreira política em Brasília, enquanto Pilar tem uma filha, Marina, e fica viúva. A filha de Eliane nasce, mas a mãe morre no parto, e Pilar assume a educação da menina e a batiza com o nome da mãe, Eliane.

Vinte e cinco anos se passam, Murilo volta para Resplendor e reencontra Pilar querendo fazer de sua filha Marina a prefeita da cidade, destino que ele reservara para seu filho Leonardo. Mas os dois não contam que seus filhos, ao se conhecerem, se apaixonam e têm que esconder esse amor por causa da rivalidade entre seus pais. Rivalidade essa que esconde um amor mal resolvido.

Mas os Pontes e os Batista terão na briga pelo comando de Resplendor um adversário perigoso: Cândido Alegria, um homem que enriqueceu depois de roubar e matar o amigo português Benvindo Soares, e que nutre uma paixão por Pilar Batista. Para conseguir o que quer - a prefeitura de Resplendor e o coração de Pilar - Cândido Alegria conta com a ajuda da ambiciosa Eliane, a agregada da família Batista, que nem desconfia que ele é o seu verdadeiro pai.

Mas Resplendor tem outros mistérios. A cidade recebe a visita do misterioso fotógrafo Jorge Tadeu, que se ocupa em fotografar e seduzir as mulheres casadas da cidade. Entre elas, Úrsula, filha da beata Gioconda, a irmã de Murilo Pontes. Também está na cidade um grupo de ciganos liderados por Yago. A irmã de Yago, a bela Vida, se apaixona por Carlão Batista, mas tenta fugir dessa paixão por saber que seu irmão não

permitirá esse envolvimento. Carlão é o cunhado de Pilar e proprietário do Grêmio Recreativo Resplendorino, que é dirigido por seu amigo e confidente Adamastor.

Carlão é machão, mulherengo e gosta de ficar bêbado frequentemente. Adamastor é o amigo dedicado que trabalha por ele, provendo condições dele manter a vida que tem. Adamastor nutre uma paixão pelo amigo desde a infância, mas Carlão se aproxima dele apenas para que ele lhe quebre uns galhos e arrume dinheiro.

Carlão se apaixona pela cigana Vida e ela por ele, mas não se permite ter um relacionamento com um gajão (não-cigano). Carlão passa a beber mais e se vicia em jogos de azar e baralho. Por causa da jogatina, ele se endivida Cândido Alegria e não tem como pagar a quantia.

Adamastor recebe visita de Vida, que traz dinheiro para ajudar Carlão a pagar sua dívida com Cândido. Ele rejeita até Vida revelar que sabe do amor de Adamastor por Carlão. Este fica em dívida com o amigo.

Passado pouco tempo, Carlão fica novamente endividado e pede dinheiro para Adamastor, argumentando que, se uma vez ele lhe deu dinheiro, outra vez ele teria para emprestá-lo. Ao dizer que não possuía quantia alguma, Adamastor acaba sendo pressionado até revelar que uma mulher lhe dera o dinheiro anteriormente cedido. Dito isso, Carlão apela para métodos de agressão psicológica para fazer o amigo falar, ameaçando-o de violência física e prometendo parar de conversar com ele. Assustado com a possibilidade de ter seu amado distanciado, Adamastor confessa que Vida lhe deu o dinheiro. Carlão parte atrás dela.

Enquanto isso, Adamastor dá guarida para Jorge Tadeu (Fábio Júnior), retratista sedutor que havia chegado em Resplendor há pouco. É tarde da noite e Adamastor permite que Jorge fique no seu quarto para dormir, pois ele nunca recebia ninguém em seu aposento. No entanto, Adamastor não está seduzindo Jorge, uma vez que ele tem de ajudar Lola fora das dependências do Grêmio.

Carlão não consegue ficar com Vida, pois é expulso do acampamento cigano pelo irmão dela. Adamastor retorna ao Grêmio pela manhã e encontra Jorge Tadeu baleado sobre a cama. A polícia leva Adamastor preso, pois ninguém confia no seu álibi de que estava com Lola e ela não tem sua palavra validada por ser uma “quenga”. As meninas do Grêmio pedem a Carlão que diga que passou a noite com Adamastor, dividindo o quarto, mas ele tem medo de ficar malvisto pela família e por Vida, e não ajuda o amigo.

Quando Adamastor sai da prisão, Carlão tenta lhe fazer um agrado dando suas roupas para uma cigana lavar, mas acaba dando a ela uma prova que inocentaria o amigo – o caderninho de anotações de Jorge Tadeu, que ficou em meio às roupas. Adamastor, juntamente com Pilar Batista, bola planos para descobrir o assassino de Jorge Tadeu.

Enquanto investiga com Pilar, Adamastor conhece Paulo Henrique, escrivão da polícia e homossexual assumido. PH, como é chamado, convence Adamastor a “sair do armário” e este começa a discutir seus desejos com Lola e as garotas do Grêmio, revelando-lhes o quanto possui de devoção apaixonada por Carlão.

Paralelamente, Carlão morre vestido como cigano e renasce como tal, podendo então casar com Vida⁴. No dia do casamento, Adamastor revela seu amor por Carlão, que se faz de desentendido e ignora os sentimentos dele. Adamastor percebe o quanto Carlão não se importava com ele e resolve esquecer sua paixão. Pela noite, Adamastor espera uma visita, enfeitado com uma arruda no cabelo – como Carlão usava - e vive uma noite de amor. O visitante não é revelado, embora a arruda na orelha remeta a Carlão e exista a possibilidade de ter sido Paulo Henrique, pois este é o outro personagem gay da trama.

Carlão casa com Vida e vai morar com os ciganos. O Grêmio Recreativo Resplendorino fica de presente para Adamastor e Paulo Henrique vai embora da cidade.

Aspectos fixos dos personagens homossexuais:

“Posição do personagem no enredo: se é principal, coadjuvante, se faz ponta, figuração, citada ou recorrida.” (Moreno, 2001, p.167).

Adamastor é um coadjuvante muito importante para a trama. Ele aparece em muitas cenas com Carlão, ajudando-o a se livrar de suas dívidas e da bebedeira. Através dessas cenas a paixão de Adamastor vai se revelando ao poucos, típico de uma *narrativa de revelação*⁵. No entanto, a revelação aqui é esperada pelo próprio personagem, além do público, pois ele não desperta falatórios sobre sua sexualidade na sociedade resplendorina.

⁴ Este tipo de acontecimento sobrenatural é comum nas novas de Aguinaldo Silva, conhecido pelo realismo fantástico em suas obras.

⁵ Esse tipo de narrativa deixa pistas nas cenas que levam o telespectador a pensar que os personagens em questão são homossexuais. A dosagem aumenta até o espectador ter quase certeza de que o personagem é gay. Ao fim da narrativa, o personagem revela sua orientação sexual.

Ele interage com todas as meninas do Grêmio, não apenas gerenciando-as como também servindo de conselheiro ou mesmo repreendendo-as quando cometem algum erro. Quando Jorge Tadeu morre, Adamastor é o acusado injustamente e ressurge nas cenas que envolvem a investigação do caso.

“Contexto social do personagem: a que classe ele pertence” (Moreno, 2001, p.167):

Pouco é especificado sobre a classe social de Adamastor, mas, como ele não passa apertos financeiros, mas também não pode esbanjar, ele pode ser inserido na classe média.

Cor:

Ambos caucasianos.

Profissão:

Adamastor é o administrador de um Grêmio Recreativo, eufemismo para designar o bordel da cidade. Por esse motivo, é associado à imoralidade e malvisto por um grupo de mulheres cristãs da cidade, lideradas por Gioconda Pontes (Eloísa Mafalda). No entanto, grande parte da sociedade resplendorina admira a presteza e bondade dele, não o julgando por sua profissão, mas pelos seus atos.

Nunca se pode perder de vista a relação entre classe social, cor, gênero e representação. Como discute Mary Garcia Castro, em relação à classe social:

na alquimia entre raça e gênero, na classe, algumas mulheres, principalmente, se crianças e jovens, perdem mais que as outras, e não necessariamente os homens se destacam como em melhor situação, o que alerta contra referências generalistas e políticas públicas para identidades em si, sem consideração da heterogeneidade que comporta cada uma (CASTRO, s/d, p. 8)

Por essa heterogeneidade mesma que se pode falar, para fins desse artigo, que a alquimia identitária é a percepção contemporânea e paralela da existência de elementos identitários de raça, classe social e gênero, na representação das sexualidades. No caso de Adamastor, sua caracterização altruística faz com que se descarte a avaliação moral da profissão que exerce.

Aspectos da linguagem utilizada e da composição geral do personagem:

Tipos de gestualidade:

- 1) **estereotipada, com gestual explícito que caracteriza de forma debochada e desrespeitosa à personagem homossexual;**
- 2) **gestualidade típica de alguns sujeitos queer, especialmente os adeptos de um comportamento/estética camp;**
- 3) **não estereotipada (gestual considerado “normal” e “natural”, sem indicação de homossexualidade, inscrito dentro de um comportamento heterossexual);**

A personagem se encaixa no item 3: age de forma não-estereotipada e está inserida dentro de um comportamento heterossexual. Adamastor é afetado em alguns momentos, mas mais associado a um tique que revela sua insegurança do que a uma afetação gay. Já em outros momentos da narrativa demonstra certa virilidade ao engrossar a voz para colocar ordem no Grêmio Recreativo. Ainda assim é importante salientar que o personagem é trabalhado, geralmente, como contraposto à virilidade de Carlão, construindo a imagem do impotente assexuado (eunuco, como será visto abaixo).

“Subgestualidade: compreende o vestuário, maquiagem e adereços utilizados/usados pela personagem” (Moreno, 2001, p. 167):

Adamastor utiliza roupas normais para os padrões dos personagens de *Pedra sobre pedra*, ainda mais se levando em consideração que os ciganos da trama destacam-se pelo exotismo de suas roupas. Adamastor não utiliza maquiagem chamativa, nem adereços que transgridam, de alguma forma, o gênero masculino.

Análise de seqüências: “É um recurso para detalhar mais as ações de um filme (em nosso caso a telenovela ou as peças) e explicitar o seu conteúdo de forma minuciosa, como diante de uma lente de aumento.” (Moreno, 2001, p. 168):

Analisarei a seqüência mais importante da paixão de Adamastor por Carlão: quando ele a declara para o amigo. A seguir, as falas pontuadas por breves descrições.

Carlão Batista chega ao Grêmio Recreativo Resplendorino, onde estão Lola e outra garota que trabalha no bordel.

Carlão Batista: Olá, meninas! Oh, Lola, que prazer em revê-la. *(beija-lhe a mão)*

Lola: Oi, bom dia.

Carlão: Satisfação. *(vira-se para a direita)* E Adamastor, onde é que está?

Garota do Grêmio: Tá lá em seu quarto, lhe esperando.

Carlão: Podexá que eu sei muito bem o caminho, com licença.

Carlão sobe as escadas.

Garota do Grêmio: Tu sabe o que Adamastor quer com ele, né? Ande, criatura, me conte logo vá.

Lola *(sorridente):* Daqui a pouco cê vai saber. E aí, vamo ajudar a estourar champanhe, pra comemorar. Ou então, ajudar a consolar o pobre do Dodô.

Transição de cenário para o quarto de Adamastor, em frente ao espelho, batendo as mãos com nervosismo. Ele é interrompido pela chegada de Carlão.

Carlão: Então, Adamastor, que você tinha de tão urgente pra falar comigo?

Adamastor suspira, de costas para Carlão, até começar a falar.

Adamastor: Eu... Eu quero lhe falar... Do amor... Que eu sinto... Que eu sentia... E sempre vou sentir por você.

Corte para os comerciais. Volta.

Carlão *(indignado):* Eu... Acho que passou um automóvel com a descarga aberta lá fora e eu não entendi direito o que você me falou, Adamastor.

Adamastor *(manso):* Pa-passou, foi? Deixe que eu fecho a janela. *Fecha a janela.* Pronto. Eu, estava lhe falando, Carlão, do que eu sinto por você. Eu achava que era amizade. Esses anos todos, só amizade. Mas, eu mesmo, eu, sozinho, eu comigo mesmo não assumia que o que eu sinto por você... é amor.

Carlão *(indignado):* Espere um momentinho só, Adamastor, você me desculpe lhe interromper, mas acho que não estou entendendo direito o que você está querendo me dizer.

Adamastor: Só estou querendo lhe explicar da minha coragem que eu estou tendo de trazer as coisas até aqui, nesse momento de que esse carinho está sendo muito difícil pra mim, Carlão.

Carlão: Adamastor, você não precisa perder tempo explicando nada, vai direto ao assunto, quem sabe eu consigo entender o que você tá querendo me dizer.

Adamastor: Claro, eu eu vou chegar, pera lá, eu conto. Oxente... *Coloca as mãos na testa.* Vamos... Eu cheguei, Carlão, falei de uma maneira até direta demais, eu nunca pensei que pudesse ser tão direto, nunca foi do meu feitio... É, porque desde que eu decidi sair de dentro do armário...

Carlão: E o que é que você estava fazendo lá dentro?

Adamastor: Não, oxente, é uma maneira de falar que a gente, quando diz isso... Bom, não importa. Ah, eu... Você... Nós quando, ai meu Deus do céu! Eu estava com tanto fôlego, estava tudo encaminhadinho, você fica aí me olhando com esta cara de quem não está entendendo nada. Eu estou sentindo enfraquejar, meu Deus!

Carlão: Mas é que realmente eu não estou entendendo, nada.

Suspiros de Adamastor, preocupado.

Adamastor: Oh Carlão, não faça assim comigo não, por favor. Não faça assim. Tô aqui eu sentindo minha coragem evaporar, feito água da chuva quando bate em pedra quente. *Adamastor caminha pesadamente.* Esperei tanto por esse momento, a minha vida toda. Veja, por favor, como este momento é importante pra mim.

Carlão e Adamastor olham-se por alguns segundos.

Carlão: Eu sei, Adamastor, eu tô tentando entender. Eu atendi seu chamado, estou aqui, estou lhe ouvindo, pois bem, fale o que cê tem que falar, sou todo ouvidos.

Carlão senta-se na cama, entra uma música dramática, Adamastor coloca a mão no rosto e vai até a janela.

Adamastor: Carlão, você, quando a gente era meninote, criançona, eu sempre lhe adorei, Carlão. Eu vivi a minha vida toda em função da sua. Você é a razão de ser. Você é o que dá sentido à minha vida... Só tem sentido... Você é a justificativa pra eu estar aqui nesse mundo agora. *Carlão olha pro chão, evitando o olhar do amigo.* Carlão, a minha adoração por você é uma coisa tão... É... Eu gosto mais de você do que de mim mesmo... Ahn... Olha, oxe, meu Deus, não sei mais o que dizer. *Senta-se ao lado de Carlão, que levanta o rosto, de maneira a encará-lo.* Como vou falar isso pra você. Carlão, eu lhe amo.

Carlão (respira fundo): Sim. *Levanta-se da cama.* Muito bem, Adamastor. E o que é que você tinha assim de tão urgente, tão importante pra me dizer?

Adamastor (desacreditado): Bom... Não é possível, Carlão. Não estou entendendo, eu escancarei aqui o meu coração pra você, não é possível que você não tenha entendido.

Carlão (indignado): Eu tô tentando entender, Adamastor, eu tô fazendo um esforço danado aqui pra ver se eu consigo entender. Acontece que não estou entendendo. Aliás, tô começando a ficar meio aperreado e tô lá, com os preparativos para o meu casamento em pleno andamento, em acabamento. Eu preciso ajudar meu

povo. Vamos lá, Adamastor. *Coloca a mão no ombro do amigo. Diga logo, o que é que você tem pra me dizer.*

Adamastor olha decepcionado para Carlão. Senta-se numa cadeira.

Adamastor: Ai... Engraçado, era uma coisa muito, muito importante. Mas, de repente eu me esqueci.

Carlão: Bom, se é assim então... *Oferece a mão para Adamastor apertar, e este assim o faz. Até mais ver, Adamastor, até mais ver.*

Carlão sai, deixando Adamastor sozinho e abalado.

Adamastor (*falando pra si mesmo*): Até mais ver, Carlão Batista.

A cena termina com um gemido baixo de Adamastor.

A cena descrita acima é o momento mais triste de Adamastor durante toda a novela. Mesmo os jogos psicológicos de Carlão, em outros pontos da narrativa, não se equiparam a seu sofrimento aqui. A construção do momento começa desde quando PH conversa abertamente com Adamastor sobre a sua homossexualidade. À vontade em “sair do armário”, Adamastor percebe que o primeiro passo da vivência da sua sexualidade é admitir a Carlão que é apaixonado por ele. Ao revelar a sua intenção para as garotas do Grêmio Recreativo, ele recebe apoio e esperanças. Como visto acima, antes de Carlão entrar no quarto de Adamastor, Lola diz estar preparada para uma comemoração, com bastante entusiasmo, ou para confortar o amigo, mas aí já fala sem ênfase porque tem fé na primeira opção.

Para o espectador, no entanto, é certo o fracasso de Adamastor, uma vez que Carlão está prestes a se casar com Vida, após toda uma história de amor cheia de obstáculos. Isso se reflete no cenário do quarto de Adamastor: as cores são sóbrias demais, marcadas pelo marrom da madeira do assoalho e dos móveis, pouca luz que vem de uma pequena janela e mobília antiga e básica, que não traduzem riqueza visual vibrante como é comum se ver nos cenários das histórias de amor. A trilha sonora, dramática, só surge quando Adamastor nota a ignorância de Carlão diante da sua declaração apaixonada, ao contrário dos temas de casais apaixonados, suaves, que são executados em meio a troca de olhares. A comunicação entre os dois é impossibilitada pelo gaguejar de Adamastor, que se desmonta diante do amigo, e do fingimento de Carlão, que não quer dar o braço a torcer no entendimento do que seu amigo quer lhe falar.

A cena é extensa (cerca de nove minutos) e possui pouco texto. Boa parte do tempo os personagens gaguejam ou evitam se olhar diretamente. Ao invés de simplesmente narrar objetivamente uma cena de desilusão amorosa, a cena coloca em jogo a amizade dos dois, a incapacidade de se discutir a homossexualidade evidente em um dos personagens e a impossibilidade de se verbalizar um sentimento puro, infantil. Quando Adamastor fica sozinho inicia o momento máximo que sintetiza a realidade de sua paixão por Carlão: um eterno “até mais ver”. Somos obrigados a sentir pela expressão do ator Pedro Paulo Rangel e não querer que um personagem tão carismático e prestativo com os outros tenha seus sonhos frustrados e sua vida esmagada.

Características gerais da personalidade do personagem: criminoso, violento, psicopata, saudável, calmo etc.:

Adamastor é mostrado como uma pessoa calma, prestativa e bondosa. Essas características positivas tiram dele a carga social negativa associada com a sua profissão, cafetão. Fica claro o quanto ele é benquisto quando a população resplendorina descredita da possibilidade dele ter assassinado Jorge Tadeu e posiciona-se a favor de sua libertação.

Aspectos sobre a sexualidade do personagem

Personagem se apresenta (assume verbalmente) como: gay, lésbica, travesti, transformista, transexual, transgênero, intersexo, bissexual:

Adamastor se assume gay, ou “sai do armário”, como diz, após conhecer PH. Sente-se seguro ao conhecer um homossexual assumido que leva uma vida normal e abre o jogo com ele, depois com as garotas do Grêmio e, por fim, indiretamente, com Carlão. Assim, se finda a “narrativa de revelação” em torno do personagem.

Em que ponto da narrativa fica claro que o personagem é homossexual?

Ficam expressos os desejos homoafetivos de Adamastor por Carlão na fala de Vida, quando esta lhe dá o dinheiro para cobrir as dívidas de Carlão. No entanto, com clareza só temos essa informação quando Adamastor resolve se abrir com PH e então se declara para Carlão.

Como se dá a performatividade de gênero? Que normas ou conjunto de normas o personagem reitera e/ou reforça?

Para a filósofa Judith Butler, “a performatividade deve ser compreendida não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (2001, p.154). Dessa forma, ela chama a atenção para a inexistência de um gênero como interpretação cultural de um sexo dos dois sexos ditos naturalizados – macho e fêmea. Pelo contrário, o discurso normativo opera “uma vinculação desse processo de ‘assumir’ um sexo com a questão da *identificação* e com os meios discursivos pelos quais o imperativo heterossexual possibilita identificações sexuadas e impede ou nega outras identificações” (BUTLER, 2001, p. 155). Assim, aquelas características agrupadas sob a “masculinidade”, por exemplo, não existem senão, e apenas, dentro do discurso, que para se manter vigente tem de ser constantemente reafirmado.

Adamastor reproduz características do gênero masculino, embora seu desejo não seja heterossexual. Apesar de possuir uma personalidade passiva, que é associado ao feminino, ele não aparenta feminilidade. Há dois elementos importantes para se assinalar sobre a construção narrativa da paixão de Adamastor por Carlão.

Em primeiro lugar, o fato de Carlão ser o protótipo do machão Dom Juan e Adamastor ser passivo e fiel traz à tona um apelo binário da ordem ativo (macho) X passivo (fêmea). No entanto, por não se tratar de um relacionamento amoroso consumado, não há reprodução dos papéis ativo (sujeito desejante) X passivo (sujeito desejado), uma vez que o pólo passivo é o sujeito desejante. Essa estratégia narrativa torna a paixão de Adamastor inteligível numa matriz heteronormativa, o que facilita sua aceitação pelo público.

É conveniente lembrarmos que o dilema “ativo X passivo” não é natural para os casais heterossexuais, mas também constituído performativamente. É novamente Butler (2003) que chama atenção para a não-existência de um relacionamento naturalizado heterossexual e, portanto, para a percepção de que, por esse dilema ser gerado e padronizado na matriz heteronormativa, ele é tão construído para os heterossexuais quanto para os casais homossexuais que seguem o mesmo molde.

Outro elemento narrativo é o uso da infância para justificar uma admiração originada numa fase considerada assexuada e romântica – como Adamastor diz na seqüência acima, ele ama Carlão desde quando era “meninote”. Assim, para uma sexualidade que muitas vezes é considerada “degradante de nossa condição ‘humana’, a

única saída parece ser reconduzir o amor ao centro da questão sexual. Como se ele existisse... para humanizar o sexo” (CEMBRANELLI, 2008).

O desejo de Adamastor não é explorado na novela. Ele não dorme com ninguém há anos, como ele próprio conta a Jorge Tadeu, nem expressa suas vontades diretamente às suas amigas do Grêmio. Adamastor se porta assexuadamente dentro do prostíbulo, o que remonta à figura do eunuco guardião das concubinas, incapaz de atos viris para com elas. Como assume o gênero masculino, a ausência de virilidade oculta o desejo sexual existente em Adamastor, assim como sua sexualidade, que só se torna conhecida por declaração verbal.

Mesmo sendo descontínuos quanto à linha de coerência entre sexo-gênero-desejo-prática sexual (ver BUTLER, 2003), é possível notar que há uma reificação do comportamento heteronormativo com a reiteração do gênero masculino na atitude e comportamento de ambas as personagens.

Resumo conclusivo e redutor sobre a representação dos homossexuais na sociedade:

Resultado 1: forte carga de estereótipos e outras características que contribuem para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 2: caracteriza os personagens com alguns elementos da comunidade queer, constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia;

Resultado 3: caracteriza os personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo que contribui para a reduplicação dos preconceitos e da homofobia;

Resultado 4: caracteriza os personagens homossexuais dentro de um modelo heteronormativo, mas constrói um tratamento humanístico e contribui para o combate aos preconceitos e a homofobia.

Resultado 5: indica uma representação dúbia e produz dúvida sobre o tratamento dado.

A representação de Adamastor claramente se enquadra no quarto resultado. A construção do personagem como um humano altruísta fez com que boa parte do público aceitasse o personagem, enquanto indivíduo. Em sua relação com Carlão, a construção do amor infantil, também altruísta e gratuito, e desejoso de ser eterno provoca expectativa na audiência. Quando Adamastor foi negado por Carlão, muitos

expectadores sentiram pena do personagem, pois torciam, assim como as meninas do Grêmio, para que a paixão se consumisse. E é importante lembrar que, apesar do seu altruísmo, Adamastor não é submisso às pessoas, embora seja com Carlão.

A distância de Carlão dos sentimentos de Adamastor reforça o sentimento juvenil de ser rejeitado pela primeira paixão, posicionando ainda mais o espectador ao lado da sensibilidade do personagem.

Um ponto obscuro sobre o personagem é o seu desejo, que não é explorado em sua construção. Aliás, grande parte das novelas evita explorar este ponto dos personagens homossexuais porque os atos do desejo são os mais condenados e abjetos pela sociedade⁶. Razão pela qual, por exemplo, ainda não houve beijo gay. Nesse sentido, *Pedra sobre pedra*, com Adamastor e PH, mostram personagens assexuados, se tomarmos a expressão de seus desejos como parâmetro. Para Adamastor, essa ausência de desejo reforça sua adoção por parte do público, pois reitoria a pureza da paixão que ele sente.

Mesmo que Adamastor se esconda da sociedade ao se encontrar com seu primeiro homem, a humanização dele tem o papel de fazer a questão gay entrar como pauta de discussão midiática de uma maneira menos homofóbica. O ator Pedro Paulo Rangel, perguntando recentemente sobre a experiência de interpretar Adamastor, disse que “os personagens gays não eram tão comuns e aceitos como hoje. (...) Havia um estereótipo, não um enfoque mais realista como o Aguinaldo colocou no Adamastor.(...) E a rua foi me dando um feedback, fui percebendo que estava fazendo o personagem de uma maneira que as pessoas gostavam”⁷. Sua fala resume a reação do público, que não teve problemas com o personagem, mesmo ele representando um gay assumido.

Como vimos no começo do artigo, quanto mais se dá a possibilidade de (re)escrita do discurso, por diferentes pontos de vista, mais chances de acontecer transgressão das normas. Essa abertura só se deu mediante uma narrativa cuidadosa, pensada previamente para não chocar ou distanciar o público, através da não-afetação e não-explicitação dos desejos homossexuais, e emocioná-los com uma estratégia usada tradicionalmente em personagens heterossexuais: a representação de um indivíduo

⁶ Devido à proibição social dos atos de desejo homossexual, que é possível dar uma resposta política através da organização de “beijaços”, agrupando indivíduos LGBT para um beijo coletivo em espaços públicos.

⁷ A entrevista pode ser vista no site <http://memoriaglobo.globo.com/Memoriaglobo/0,27723,GYN0-5273-229619,00.html>. Para produção do presente artigo, o vídeo foi visto em 08 de março de 2009.

simpático e altruísta com uma paixão não correspondida por um amigo de infância ao qual devota toda a sua vida.

Por fim, julgando as representações de acordo com os pressupostos da teoria queer, podemos dizer que houve pouca transgressão da norma e uma assexualização do personagem Adamastor, o que o mantém situado numa perspectiva heteronormativa (abjeção dos desejos, sem que goze das margens).

Referências

- 1) BUTLER, Judith. *Problemas de gênero. Feminismo e subversão de identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.
- 2) _____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O Corpo Educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151 - 172
- 3) CANGUÇU, Cristiano. A construção narrativa e plástica do filme Matrix. 2008. 135f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação, UFBA, Salvador, 2008.
- 4) CASTRO, Mary Garcia. Gênero e raça: desafios à escola. Disponível em: <http://www.sme.salvador.ba.gov.br/documentos/genero-raca.pdf>, capturado em 28 de outubro de 2008.
- 5) CEMBRANELLI, F.A. Taddei. A poesia dissonante de Eros. IN: *Coleção Sexos: Mente & Cérebro*. São Paulo, v.4, 2008, p.7-13.
- 6) COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. *Revista Gênero*, volume 8, número 1, segundo semestre de 2007, Niterói: EDUFF, p. 207 a 222.
- 7) GARCIA, Wilton. Traídos pelo desejo – ambigüidades da cena. IN: LOPES, Denílson e outros (orgs.). *Imagem e Diversidade Sexual*. São Paulo, Nojosa Edições, 2004. P. 265-271
- 8) HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.
- 9) LOPES, Denílson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- 10) LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*. Belo Horizonte, Autêntica, 2004.
- 11) MORENO, Antonio. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Niterói: EdUFF, 2001.

- 12) PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- 13) RABINOW, Paul. *Antropologia da Razão*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.